

REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 9 | Nº. 17 | Ano 2022

EDITORIAL

Comitê Editorial Executivo

Alexandre Antônio Timbane
Alyxandra Gomes Nunes
Ivaldo Marciano de F. Lima
Pedro Acosta Leyva

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano de França Lima](#)

EDITORIAL:

O leitor e a leitora talvez nem saiba dos percalços que rondam os contextos dos que integram os comitês editoriais de periódicos acadêmicos como este. Dentre outras questões, compete a um editor geral a função de observar e zelar o escopo da missão do periódico, que neste caso, é o de publicar apenas e tão somente artigos que discutam temáticas alusivas aos Estudos Africanos. Por nossa relação estreita com os colegas do Grupo de Pesquisa África do Século XX, do qual aliás também faço parte, passamos a segmentar as revistas que temos sob nossa responsabilidade em nichos diferenciados. África(s) continuará com o seu papel de divulgar pesquisas, artigos e ensaios que trilhem os caminhos dos Estudos Africanos, numa perspectiva mais interdisciplinar, ao passo que Cadernos de África Contemporânea irá se concentrar na divulgação de trabalhos afeitos ao campo da História da África.

Pois bem, mas estava a dialogar sobre os percalços que rondam os comitês editoriais... E digamos que ao editor geral, função que exerço neste periódico, compete o trabalho de receber os originais de um artigo, e decidir se ele irá ou não ser enviado para o comitê editorial executivo, para que este decida sobre os pareceristas que irão apreciar o trabalho, que poderá ser aprovado na íntegra, com restrições ou simplesmente reprovado. E imagine o leitor e a leitora o lugar de alguém que recebe um artigo com temática sobre práticas culturais “ditas” afro-brasileiras, ou sobre uma questão relacionada com este ou aquele templo que tem vínculos com alguma religião de terreiro... Ora, o leitor e a leitora com formação e conhecimento relacionados à África, de pronto irá vaticinar que ambos artigos estão afeitos à história do Brasil, pois uma dada prática cultural dita afro-brasileira diz respeito aos contextos e circunstâncias deste país, assim como todo e qualquer aspecto relacionado com as religiões de terreiro. Sim, é desta forma que pensamos, mas são decisões deste tipo que nos custam muitos debates, argumentações e inimizades, pois há em nosso país um setor considerável de colegas, alguns dos quais docentes de universidades públicas, que acreditam e se guiam na ideia de que os homens e mulheres que se reconhecem como negros são, via de regra, descendentes do continente africano, e como tal, suas práticas, costumes, hábitos, usos e repertórios integram/fazem parte do escopo dos Estudos Africanos e/ou da história da África.

Eis um dos problemas de ordem epistêmica que ainda não se teve resposta nos debates envolvendo os especialistas que lidam com a temática, algo que traz consigo elementos das questões alusivas à política e aos contextos da sociedade em que vivemos. Vive-se em um momento em que há forte presença de compreensões que intentam em “politizar” a ciência e estabelecer “verdades a priori”, algo que certamente nenhum pesquisador com larga experiência e sensatez recomendaria fazer. No entanto, pode-se afirmar que até o presente momento temos

tentado levar a cabo uma compreensão mais próxima do que é pensado pela grande maioria dos homens e mulheres do outro lado do Atlântico, qual seja, aqueles e aquelas que nascem no Brasil são, por assim dizer, brasileiros e brasileiras, logo, suas práticas, costumes, lutas, percepções, usos e hábitos dizem respeito à história do Brasil, e não do continente africano. Óbvio isto? Claro que não! Ainda há os que se guiam por categorias e conceitos que tem na raça sua maior referência, o que os faz, de diferentes maneiras, se regerem pelos mecanismos das essências. Bem, seguimos o caminho do bom debate e da defesa da ciência, tomando as evidências e a análises como pressupostos que nos impedem de se fiar em questões a priori. Nada, absolutamente nada, pode ser definido sem que se estabeleçam os procedimentos típicos do fazer científico. E esta é a missão maior de África(s), qual seja, publicar apenas e tão somente artigos e ensaios sobre temas que digam respeito ao continente africano, ou que o tenham como centralidade. Mesmo que isto custe amizades e/ou alguns fios de cabelos brancos... Bem, mas a vida segue, e com ela um excelente número se apresenta ao leitor e a leitora.

O primeiro artigo deste número, intitulado **“Os discursos sobre África e a identidade negada no Brasil: o papel da União Africana na constituição de um continente”**, de autoria de Rodrigo Castro Rezende, tem como principal questão a análise da formação da União Africana, e dos discursos que permeiam a existência ou não de uma identidade que contemple o continente. Rodrigo também apresenta alguns elementos importantes e preciosos para os que propõem enveredar pela História da África ou os Estudos Africanos em nosso país. Rodrigo Rezende, apoiado em excelentes questões de pesquisa, mostra parte das tensões em torno de como representar a África em nosso país, além de instilar informações sobre a criação do Grupo de Trabalho de História da África no âmbito da ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História), ocorrido no já distante ano de 2011, por ocasião da realização do XXVI Simpósio Nacional de História, nas dependências da USP, em São Paulo. O artigo de Rodrigo certamente será um daqueles que se tornará referência obrigatória para aqueles e aquelas com algum interesse em discutir sobre a constituição e o avanço dos Estudos Africanos no Brasil.

O segundo artigo, intitulado **“Crise de identidade: a busca de uma “África perdida” como resposta às angústias do capitalismo”**, de autoria de Cristian Arão Silva de Jesus, discute algumas questões relacionadas sobre o modo como os negros brasileiros representam a África, e de como as identidades e o capitalismo interferem neste processo de representação. O artigo de Cristian também é forte candidato a se constituir em referência no debate sobre os modos e formas como os brasileiros compreendem a África em nosso país, uma vez que discute as pautas identitárias e as relações destas com o modo como se organiza a sociedade. O autor faz uso de excelentes categorias de análise para mostrar os limites de um identitarismo que se propõe

libertário, mas que se encontra balizado em modos de compreensão pautados em essências e na negação dos aspectos que constituem a sociedade brasileira.

O terceiro artigo deste número, intitulado **“Ficção e história na literatura moçambicana: “as mulheres do imperador”, de Ungulani Ba Ka Khosa”**, escrito a quatro mãos por José Welton Ferreira dos Santos Júnior e Rejane Vecchia da Rocha e Silva, tece uma excelente análise do romance escrito pelo já celebrado escritor moçambicano. Sob a análise cruzada entre História e Literatura, os autores mostram os contextos que se fazem presentes no romance, e de como este se constitui em poderosa voz para questionar a narrativa da FRELIMO sobre a constituição de Moçambique. Eu diria que o artigo em questão é também dotado de grande qualidade, e certamente se constituirá em referência para aquelas e aqueles interessados em analisar o passado recente de Moçambique sob as lentes da Literatura e da História.

O quarto artigo, que também deverá se constituir em referência para os estudiosos do continente africano e suas representações, tem como título **“Um sonho africano em Contos na Areia: representações de África em The Sandman”**, e foi concebido pelo magistral historiador Márcio dos Santos Rodrigues. Neste artigo, ele intenta em analisar as marcas deixadas por um autor na produção de uma história em quadrinhos. Márcio dos Santos, em seu artigo, praticamente “disseca” a história em quadrinhos, sugere os detalhes e as marcas positivas existentes na mesma, e indica os riscos de se tomar a África como um todo homogêneo, em que todos os seus habitantes fazem uso de uma determinada performance ou comportamento. Creio que este artigo já nasce como referência obrigatória para os vão estudar o continente africano a partir das histórias em quadrinhos.

O quinto artigo, de autoria de Victor Simões Henrique, tem como título **“As migrações laborais de moçambicanos para a África do Sul: sua evolução dos primórdios até a proclamação da independência nacional c.1850-1974”**. Apoiado em bons argumentos, o autor mostra parte da história das migrações de trabalhadores do que é hoje Moçambique para o que nomeamos atualmente como África do Sul. Este processo, marcado por idas e vindas de homens que cruzam fronteiras para trabalhar, é recheado de várias minudências e circunstâncias. O autor, moçambicano de nascimento, mostra como é possível compreender a partir da História, os processos de migração sazonais que ainda hoje ocorrem nas fronteiras dos dois países citados. Outra promessa de artigo que certamente irá se constituir em referência obrigatória para os que buscam compreender não apenas aspectos da história das migrações na parte sul do continente, mas também sobre elementos relacionados com a instituição do lobolo, em Moçambique, e de como a África do Sul se constituiu em país. Vale a pena leitura acurada!

O sexto artigo, intitulado **“Das artes sonoras africanas e sua circulação: o protagonismo atlântico do arco musical da capoeira”**, de autoria do profícuo Josivaldo Pires

de Oliveira, é mais um daqueles trabalhos que certamente foi produzido sob os auspícios do espírito interdisciplinar que baliza a história da África, no dizer de Ki-Zerbo (2002; 2010). O autor, com base em análise documental e revisão bibliográfica, procura mostrar os trânsitos de instrumentos musicais e de como parte destes foram incorporados ao patrimônio cultural do que hoje nomeamos por Brasil. Conhecidos por mbulumbumbas e hungos, no país que hoje chamamos de Angola, estes arcos foram ressignificados e dotados de outros contextos, integrando o que é hoje definido como capoeira, prática reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade pela UNESCO. O artigo também discute sobre a ida de uma delegação de artistas brasileiros para um evento em Senegal, e de como isto oportunizou a consolidação de outros trânsitos, dos quais a capoeira e o Brasil se beneficiaram enormemente.

Este número de África(s) é finalizado com chave de ouro pela tradução de uma entrevista feita com o saudoso e genial Jan Vansina. Esta entrevista, intitulada “**Este cara se tornou um completo selvagem**” - **uma última entrevista com Jan Vansina**”, e que foi conduzida por Hein Vanhee, curador do Museu Real da África Central, traz algumas importantes informações sobre aquele que foi um dos grandes responsáveis por discutir importantes questões do passado de vários povos do continente africano, a partir da análise das suas tradições orais, conjugada com a Arqueologia e a História. Jan Vansina, para além de suas muitas obras, é um dos maiores expoentes da história da África descrita e discutida por Joseph Ki-Zerbo (2002) e Obenga (2010). Em Jan Vansina é possível perceber a riqueza de uma história que tem em seu método uma complexidade muito mais ampla do que a análise dos documentos. Um historiador africanista, que objetive ter progressos no conhecimento do passado deste continente, necessita dispor de uma erudição que lhe permita cruzar vários procedimentos científicos. Esta entrevista é, portanto, uma excelente oportunidade de se verificar isto. A tradução de tão importante documento foi feita pela Dra. Marta Heloísa Leuba Salum, também conhecida por Lisy, e por Felipe Antônio Honorato, um dos nossos mais qualificados colaboradores de África(s).

Enfim, eis o que temos para este número. Creio que seus artigos já nasceram com a predestinação de se tornarem clássicos! Ao leitor e a leitora, desejo que aproveitem ao máximo estas páginas, e que delas façam bom proveito!

Ivaldo Marciano de França Lima – editor geral.

Referências citadas:

KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra. Vol. I**. Mem Martins (Portugal): Biblioteca Universitária, 2002.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África - Panorama Geral. In: KI-ZERBO, Joseph (org). **História Geral da África, Vol. I – Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010, p. 59 – 76.